

# **Olhares e registro – a antropologia visual e os grupos urbanos<sup>1</sup>**

Carolina Vasconcelos Pitanga.<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo destacar a importância da antropologia visual nos estudos que envolvem questões urbanas, modernidade e comportamento dos cidadãos. Pretendo fazer uma breve análise sobre as expressões visuais, ou seja, os modos de se vestir e de se comportar de determinados grupos urbanos: punks, skin head e clubbers.

**Palavra-chave:** Antropologia Visual, Modernidade, Espaço urbano.

Este presente trabalho pretende, num primeiro momento, fazer um breve comentário sobre a vida citadina e o comportamento dos indivíduos urbanos. A imagem (fotográfica ou fílmica) aqui será entendida como um elemento de extrema importância para o ofício do antropólogo no sentido de apresentar elementos que devem ser apreendidos como uma forma de enriquecer os métodos de pesquisa ou como objeto de pesquisa. No final, apresento uma pequena análise sobre alguns grupos urbanos que se relacionam no espaço urbano. As roupas, os acessórios, as técnicas corporais (Mauss, 2003), além de expressar os costumes e as idéias de cada “tribo” urbana servem para a construção de uma identidade social, tipicamente, urbana.

O referencial teórico contém estudos tanto da antropologia visual quanto de autores que discutem algumas questões urbanas e grupos urbanos que interagem no espaço urbano. A metodologia utilizada: observação participante, análise de materiais visuais (fotos, vídeos e filmes) e da história social desses grupos.

## **Modernidade e vida das metrópoles**

No final do século XIX, uma grande parte da população mundial deixou sua vida no campo e passou a viver nas cidades, o processo de urbanização, as mudanças tecnológicas e sociais fizeram com que a metrópole se transformasse num lugar de hiperestímulos (Singer, 2001). Todos os indivíduos que vivem na cidade passam por inúmeras situações que provocam um alto nível de estímulo nervoso, de tensão e ansiedade. Ao atravessar uma avenida, ao entrar na estação do metrô, ao andar pelas ruas, o indivíduo passa por momentos de agitação, medo e estresse. Foi justamente a modernidade que construiu esses espaços (as

---

1 Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

2 Estudante do 7º período do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão e bolsista do Programa de Educação Tutorial/Ciências Sociais - PET/CS

metrópoles) que carregam em si elementos de contemporaneidade, de passado, de fragmentação e de mudança de experiência. (Benjamim, 1994) Dessa forma, o próprio indivíduo, habitante da cidade, transformou-se em um ser fragmentado, com vários significados e elementos particulares.

A rua implica falta de controle e afastamento, é o local público, regido por forças impessoais sobre as quais nosso controle é o mínimo. Nela vivem os malandros, marginais, entre outras entidades com quem nunca se têm relações contratuais precisas. Nela habita o novo, o inusitado, o transgressor, o ilimitado, o incontrolável: a vivência urbana contemporânea. (Brandini, 2007, p.25)

Ao observar as ruas das cidades (Collier Jr., 1913) é possível perceber as diferenças apresentadas por cada “tribo” urbana existente, constituindo assim um mosaico constituído por vários grupos citadinos.

O conceito de técnicas corporais, de Marcel Mauss (2003) é importante, primeiramente, para nos fazer entender o valor simbólico que o corpo representa para a sociedade. “Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo.” (p. 401) A partir disso, é importante questionar: como sabemos que alguém pertence a determinado grupo? Quais são os elementos visuais que nos transmitem essa informação?

Nas metrópoles, na maioria das vezes, os indivíduos interagem simplesmente por meio do olhar. Sendo assim, os códigos são expressos através da linguagem visual (Lurie, 1997). O seu estilo, ou melhor, o seu vestuário mostra quem o indivíduo é, seus desejos e crenças. É nesse momento que o olhar do antropólogo entra em ação, tentando registrar determinadas imagens, observando detalhes e compreendendo os símbolos e elementos que lhes são apresentados de forma rápida e sutil. Isso tudo se dá numa fração de segundo, é o tempo que a câmera tem de registrar algum dado importante, tudo se resume a um clique. A fotografia (de um determinado grupo urbano ou indivíduo) pode ajudar pelo fato de ser um registro da aparência, da impressão visual do objeto de pesquisa.

Além disso, essas imagens nos fornecem várias informações indispensáveis para o saber antropológico. Ao analisar fotografias de grupos de neonazistas, é fácil ver o símbolo da suástica ou qualquer outro símbolo que nos faça lembrar o governo e o ideologia nazista.

### **Antropologia Visual e as questões urbanas**

A imagem, durante muito tempo, foi um elemento encarado com desconfiança. Para René Descartes, um dos grandes pensadores da tradição filosófica, a imagem é entendida “[...]”

como fonte de ilusão e engano.” (Batista, 1998, p.74) Não só os filósofos, mas também os antropólogos sempre tiveram um certo receio em estudar ou ter a imagem como referencial em seus estudos. Apesar disso, a antropologia utilizou a experiência de alguns fotógrafos e cineastas para produção de vários filmes etnográficos com o objetivo de capturar aspectos da vida do nativo e assim compreender melhor a cultura de determinada comunidade. “[...] Fotografias de pessoas que se aglomeram podem oferecer-nos oportunidade para avaliar, qualificar e comparar, porém estas avaliações podem ir muito além e auxiliar na definição da forma exata de cultura social.” (Collier Jr., 1973, p.49)

O campo científico não deve estar limitado somente à produção escrita, é importante que o antropólogo reflita sobre a necessidade da utilização de imagens e sons e utilize esses documentos audiovisuais e as tecnologias digitais como fonte de inspiração e de melhor qualidade para sua pesquisa e desenvolvimento de trabalhos “multissensoriais”. Além disso, é importante destacar a proposta interdisciplinar que a antropologia visual traz para produção científica, resultando numa aproximação com áreas, como, as artes, a tecnologia e a comunicação social. Dessa forma, vemos que, aos poucos, a antropologia vem estudando e pesquisando novas temáticas, atingindo novos espaços, não com o propósito de negar o legado antropológico deixado pelos autores clássicos, mas no sentido de refletir e investigar novos elementos que devem ser compreendidos a partir de um olhar mais apurado e sensível. A antropologia visual traz em si “uma nova maneira de conceber a antropologia” (Ribeiro apud Piault, 2005).

O espaço urbano é um local de socialização e interação entre os indivíduos, onde percebemos as diferenças e a singularidades entre os sujeitos que se convivem na cidade. Observo, particularmente, a questão dos grupos ou “tribos” urbanas. É fácil perceber como as ruas das cidades podem, de certa forma, ser comparadas aos desfiles de moda em passarelas, sempre apresentando uma variedade infinita de estilos. A aglomeração de pessoas e a busca de individualidade, típica das cidades grandes ou metrópoles, é algo que estimula a produção de inúmeros grupos urbanos. Temos, por exemplo, os punks, os skin heads, os skatistas, os surfistas, os clubbers, os góticos etc. Essa diversidade de estilos e de visões de mundo é um tema extremamente interessante e apropriado para ser estudado pela antropologia visual, pois, nesse caso, a imagem, o olhar fixado pela fotografia ou pela filmadora tem um papel fundamental na observação e compreensão desses e outros grupos citadinos.

O registro de olhares proporciona ao antropólogo uma profunda capacidade de observação e maior quantidade e qualidade de dados que auxiliam na compreensão do objeto

de pesquisa em questão. Esse registro se torna essencial em pesquisas sobre o corpo, estética, arquitetura, comportamento, design, cerimônias e rituais. Através da câmera fotográfica ou da filmadora, o antropólogo constrói uma relação dupla: ele apresenta sua experiência particular no trabalho de campo com os observados e, ao mesmo tempo, se relaciona, por meio de imagens e sons, com os espectadores e leitores (Ribeiro, 2005).

Como sabemos, a imagem não captura o real, ela “condensa” e fixa representações. A imagem não mostra a realidade, ela passa por um processo de apreensão que é subjetivo e até mesmo abstrato. A interpretação da imagem é necessária para que possamos compreendê-la. Ao fixar uma determinada imagem o antropólogo não está simplesmente tirando uma fotografia do seu objeto da pesquisa, ele está construindo, produzindo imagens e representações sobre o seu objeto de pesquisa. A fotografia é em si uma construção subjetiva, é o olhar do observador/antropólogo que está ali fixando imagens.

### **As imagens e a construção de identidades**

Não restam dúvidas que as roupas e acessórios, utilizados por um indivíduo, carregam signos que mostram características sobre sua personalidade e estilo de vida. Também é interessante refletir sobre a formação dos grupos urbanos e os seus tipos particulares de se vestir e se comportar. Compreendendo a história de cada grupo urbano, pode-se perceber, primeiramente, a diversidade visual que separa e qualifica cada um deles. Mas, além da questão visual, é necessário observar que essa distinção visual se dá por conta das diferentes visões de mundo encontradas na urbe.

“A roupa torna-se, portanto, uma expressão, apresentação, comunicação em diversas instâncias ou maneira de produzir a diferenciação de indivíduos ou grupos, assim como a interação entre estes.” (Brandini, 2007, p. 26).

Os punks são conhecidos por suas roupas sempre com algum sinal de protesto, patches, piercings, tatuagens, blusa de banda, cabelo estilo moicano, bota de couro etc. O movimento punk começou a ter um maior destaque a partir dos anos 70, com a explosão de bandas como os Sex Pistols. A estilista Vivienne Westwood é reconhecida por ser uma das primeiras pessoas do mundo da moda a produzir roupas no estilo punk. A criação individual com um aspecto artesanal são uma das características principais do visual punk. Em meados da década de 70, sob influência do estilo skin head, punks começam a usar coturnos e suspensórios, como vemos na imagem a seguir (“Grupo de punks”), o 1º e o 4º punk usando coturnos.



*Grupo de punks*



*Coturno*



*Grupo de punks - década de 70*



*Patches*

Os skin heads são, como o nome mesmo já explica, os cabeças raspadas que costumam usar suspensórios, botas e calças jeans. Diferente do que geralmente se imagina, os skin heads nasceram na Inglaterra e não na Alemanha. Em meados da década de 60, eles começaram a aparecer causando brigas e muita violência em estádios de futebol (hooligans), participando de manifestações contra imigrantes e atos de xenofobia. A primeira geração era influenciada por música jamaicana. Já na década de 70, com a explosão do punk rock, os skin heads começam a ser influenciados por esse estilo de música. Atualmente, é possível perceber uma diversidade de ideologias e inúmeras ramificações e divergências nos grupos skin heads. Por exemplo, os skin heads que têm uma ideologia política de esquerda e que lutam pelo fim

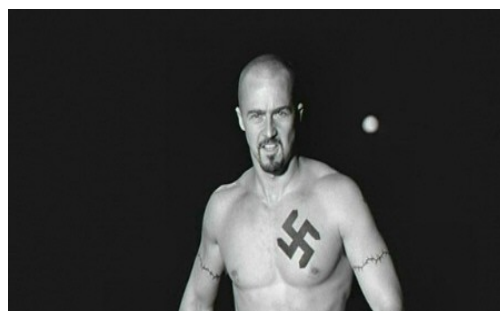
das concepções direitistas, característica presente na maioria dos grupos skin head, eles são conhecido como RASH<sup>3</sup>. Ao contrário dos RASH, os white power (“poder branco”) são, de fato, o que podemos chamar de neo-nazistas, costumam desfilar com símbolos ligados ao nazismo como, por exemplo, a suástica e provocam atos de xenofobia e intolerância contra imigrantes, negros, homossexuais, prostitutas etc.



*Grupo de skinheads - detalhe nos acessórios (suspensórios e coturnos)*



*Neonazista*



*Edward Norton interpretando um skinhead neonazista no filme "A Outra História Americana" (1998)*

Os clubbers são conhecidos como pessoas que escutam música eletrônica (*house, techno, drum 'n bass, trance*), são ligados à cibercultura, vestem-se com roupas bastante coloridas e freqüentam festas raves.

---

3 **Red and Anarchists Skinheads** = skinheads vermelhos e anarquistas

O movimento clubber começou a surgir na década de 70, em um período pós-guerra do Vietnã. No entanto, foi na década de 80, na Inglaterra, que esse movimento se firmou. Naquele momento não só os clubbers estavam tentando se auto-afirmar dentro do sistema, mas também os punks, negros e gays. Os clubber se uniram para defender uma filosofia de paz, diversão e liberdade. Já no final dos anos 80 aconteciam as primeiras festas *raves* em Manchester (Inglaterra), derivadas das festas em clubs de Ibiza, Espanha, cujo som se denominava “*balearic*” (qualquer gênero dançante). Em seguida o fenômeno se espalharia pela Alemanha, principalmente Berlim. Nos EUA (New York), as festas *rave* chegam em 1991. (<http://www.aguaforte.com/antropologia/Clubbers1.html>, acessado em 02 de janeiro de 2008)



*Festa Rave*



*Grupo de clubbers/ravers*

[...] a moda estabelece uma rede de relacionamentos com os sujeitos, tornando-se elemento integrante das condições de subjetivação e de construção identitária. A moda, especialmente a do vestuário, cada vez mais associada às formas do corpo e ao jeito de ser, não somente exprime, mas compõe identidades. (<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=23905>, acesso em 19 de dezembro de 2007.)

Todos esses grupos que convivem dentro da cidade apresentam sua própria moda, seu jeito de se mostrar para a sociedade. Cada um se expressa visualmente diferente do outro para mostrar e reafirmar identidades distintas perante a comunidade urbana. É no processo de interação ou associação (Simmel, 1983) que vemos surgir esses vários grupos, cada um numa busca incessante por ser diferente. A roupa e a visão de mundo de cada grupo é o que os fazem distintos e, muitas vezes, rivais. É na busca de identidade sociais que os representem (como grupo e como indivíduo) que eles criam seu próprio jeito de se vestir, de se comportar e de viver. Os grupos urbanos, além de representar uma coletividade, também estão ali representando os gostos particulares de cada um dos indivíduos que fazem parte deles.

Na formação destes grupos urbanos, na aparente uniformidade de sua existência grupal, as roupas parecem ter uma crucial importância. Elas significam algo e, deste modo, podem ser usadas como instrumentos de mediação entre o indivíduo e o sentido que elas imprimem em suas ações. (Araújo, 2006, p.12)

Destaco aqui a importância de perceber o vestuário não só como uma referência de status social, mas como uma forma de se comunicar, de transmitir determinados significados. No ambiente da metrópole, o indivíduo, juntamente com o visual que ele apresenta, está nos mostrando também sua visão de mundo, sua identidade social, suas ideologias e sua personalidade. (Brandini, 2007). A questão da vestimenta não está baseada simplesmente em apresentar os papéis sociais de cada indivíduo, as relações de poder e a hierarquia que ele está inserido de acordo com a sociedade. Os indivíduos que habitam o espaço urbano têm a oportunidade de expressar as suas particularidades por meio dos símbolos e elementos contidos na sua vestimenta.

Tendo em mãos um conjunto de fotografias que descrevem o estilo e o comportamento de cada grupo, o antropólogo tem a oportunidade de classificar e comparar os grupos entre si. “A máquina fotográfica não se apresenta como um remédio para nossas limitações visuais, mas como um auxiliar para nossa percepção.” (Collier Jr., 1973, p.1). A fotografia consegue transmitir uma série de significados e de informações essenciais para uma pesquisa antropológica. Sendo assim, destaco, mais uma vez, a importância e a necessidade dos estudos sobre os grupos urbanos através da análise de fotografias e filmes como uma forma instigante e inovadora de entender e interpretação melhor o nosso objeto de estudo.

O registro visual associado e comparado com discursos e práticas dos grupos pode ser um instrumento de análise das interações e das discontinuidades entre os dados não-verbais e os dados verbais.

Dessa forma, temos os grupos urbanos como uma proposta de estudo e pesquisa que agrega questões abordadas, brevemente, no decorrer desse trabalho: a questão da vida cidadã e da imagem como construção de identidades urbanas.

Os gestos, o comportamento, as vestimentas etc. são importantes na construção e manutenção das identidades sociais. A interpretação das imagens dos grupos urbanos através da análise de fotografias e outros tipos de documentos visuais nos dão a oportunidade de entender o significado dos signos e elementos que esses grupos apresentam para sociedade através de sua vestimenta e, compreender, a partir daí, a ideologia e o contexto histórico-político-social do nascimento e desenvolvimento de cada grupo urbano. Sendo assim, o olhar

do antropólogo (Oliveira, 2000), nesse caso, tem um papel fundamental, pois ao estudar a cultura visual ele analisa o conteúdo das imagens, dos gestos, da linguagem, dos símbolos e interpreta os códigos que são particulares em cada grupo para, a partir daí, entender como se dá a construção dessas identidades urbanas através da cultura visual produzida por cada grupo.

## REFERÊNCIA

- ARAÚJO, Marcelo da Silva. **Estilos e comportamentos juvenis: cultura, espaço urbano e sociabilidades**. IN: Revista Tamoios, ano II, nº 2, julho/dezembro 2006.
- Batista, Rosane Pires. **A imagem enquanto categoria de análise na obra de Walter Benjamin**. IN: Cadernos do PET, vol.3, n. 1, São Luís: EDUFMA. p.71-79, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. IN: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, p. 114-119, 1994. (Obras Escolhidas vol. 1)
- BRANDINI, Valéria. **Vestindo a rua: moda, comunicação & metrópole**. Revista Fronteiras – Estudos midiáticos, p. 23-33, jan/abr 2004.
- CHIES, Thaís Cristine. **Novas formas de viver – clubbers e ravers**. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/Clubbers1.html>. Acessado em 08 de janeiro de 2008.
- COLLIER JR., John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- DURKHEIM, Emile. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. IN: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, p.401-422, 2003.
- MORAES FILHO, Evaristo de(org.). **George Simmel: sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.
- MOTA, Dolores. **Moda e Identidade: Aspectos psicossociais da roupa na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=23905>. Acessado em 19 de dezembro de 2007.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15, 2000.
- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. IN: CHARNEY, Leo e Schwartz, Vanessa R (org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, p. 115- 148, 2001.